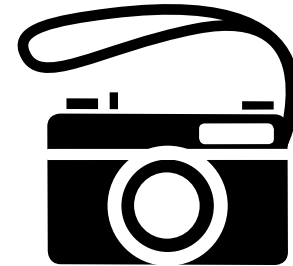




DA AMAZÓNIA ÀS MALVINAS

BEATRIZ SARLO

da
amazónia
às malvinas



TRADUÇÃO: RITA ALMEIDA SIMÕES

COORDENADOR DA COLECÇÃO: CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V I I

ÍNDICE

PREFÁCIO, *por Carlos Vaz Marques* 9

A mudança imprevista de planos 15

A viagem original 45

Santos na puna 91

Descer à mina 115

Entre os zjívaros 137

Rumo ao futuro do passado 187

Uma estrangeira nas ilhas 207

Os cadernos perdidos 251

Notas 265

Nota biográfica 307

© 2017, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Viajes. De la Amazonia a las Malvinas*
© 2014, Beatriz Sarlo

Título: *Da Amazônia às Malvinas*
Autor: Beatriz Sarlo
Tradução: Rita Almeida Simões
Prefácio: Carlos Vaz Marques
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão e composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2017

ISBN 978-989-671-377-5
Depósito Legal n.º 424670/17

PREFÁCIO

por Carlos Vaz Marques

Lida com atenção, qualquer narrativa de viagens nos diz mais sobre quem observa do que sobre o observado. Há entre mim, leitor, e o autor do relato que me é dado a ler um filtro em relação ao qual nunca é demais exercer uma certa desconfiança.

É esse processo de distanciamento que Beatriz Sarlo exercita neste livro, enquanto observadora da sua própria experiência. As viagens aqui relatadas (com uma única exceção) aconteceram mais de quatro décadas antes do relato que as reconstitui. Ao filtro da linguagem, que transforma a experiência vivida em experiência narrada — uma experiência radicalmente diferente, portanto —, acresce neste caso o filtro do tempo, esse grande escultor.

Não será necessário conhecer o percurso académico da autora para perceber nela, lendo este livro, uma forte propensão para a reflexão teórica. Beatriz Sarlo, exegeta de Roland Barthes e Walter Benjamin, ensaísta e crítica literária, foi durante 30 anos directora da revista *Punto de Vista*, uma influente publicação cultural argentina dedicada à sociologia da cultura, à teoria política e a debates de ordem estética, nomeadamente no campo da literatura.

Apesar deste currículo e dos seus créditos académicos, as seis viagens de Beatriz Sarlo contadas neste volume aparecem-nos

com uma nitidez e uma atenção ao detalhe fascinantes; mesmo na precisão com que se descreve o que há de incerto na memória de experiências tão distantes no tempo.

No capítulo inicial, ainda antes de nos embrenharmos por uma América Latina sem mapa, é a ensaísta que toma a palavra. Teoriza com conhecimento de causa sobre o modo como o acaso é um factor determinante para fazer de uma viagem um acontecimento memorável: «desordem e golpe de sorte», sintetiza.

O «instante decisivo» postulado por Cartier-Bresson para a fotografia encontra um equivalente na importância dada à mudança imprevista de planos («*el salto de programa*») em Beatriz Sarlo. «A mudança imprevista de planos, intuí-o desde os 20 anos, é a verdadeira essência da viagem: um choque que desorganiza o previsível, estraga os cálculos e, de repente, abre uma fenda por onde assoma o inesperado e até o que nunca chegará a compreender-se de todo.»

Talvez nunca cheguemos a compreender por inteiro a motivação que levou uma rapariga argentina (e alguns amigos acerca dos quais pouco diz) a empreender, enquanto jovem maoísta, algumas das «viagens ideológicas» aqui descritas. Tal como poucos de nós entenderão por completo as expedições de missionários pioneiros nas mesmas regiões, nomeadamente entre os índios jívaros do Peru.

A analogia religiosa não é mera coincidência: «Íamos ao santuário latino-americano enquanto peregrinos, acreditando que era possível ver e captar a autenticidade. Resumindo: a aura continental no seu momento não conhecido, anterior à fúria revolucionária. Uma viagem para um território de utopia onde talvez vivesse um indivíduo não contaminado e, conse-

quentemente, agente de libertação. Este equívoco gigantesco não nos apanhou só a nós.» Che Guevara também lá andou e acabou por ser morto, um ano mais tarde, numa das zonas por onde passara Beatriz Sarlo.

O «teatro de mal-entendidos» no contacto com os jívaros e com os mineiros bolivianos (mas também com os rigores da «puna» e com a utopia arquitectónica de Brasília) tem hoje, à distância de quase meio século, qualquer coisa de picaresco. Qualquer coisa de comovente, também, na flagrante ingenuidade que este livro, de modo nenhum ingénuo, deixa perceber.

Beatriz Sarlo faz aqui, após décadas de decantação, um inteligente e corajoso exercício de autocritica, reinterpretando vivências «que não são simples recordações», «porque lhes pertence de uma maneira radical». À luz deste outro tempo, é-lhe agora possível constatar que, em viagem como na vida, com uma inquietante persistência, só encontramos aquilo de que vamos à procura. «Os olhos não conseguem ver o que não desejam. Nem desejar aquilo de que nem sequer conhecem o nome.»

DA
AMAZÓNIA
ÀS MALVINAS

A MUDANÇA IMPREVISTA DE PLANOS

Subi à Igreja de São Leopoldo. Abaixo dela, estende-se Viena, visível mas encoberta. Não sei porquê, em Outubro de 1995, a Igreja de São Leopoldo só abria aos sábados à tarde, durante umas horas. Éramos 20 pessoas à espera, cá fora, dispersas pelo adro. Todas em silêncio. Quando as portas se abriram, a luz atravessava os vitrais de Kolo Moser e toda a igreja tinha uma tonalidade aquática, ocre e púrpura. Sentei-me e revi o trajecto: metro e autocarro até à paragem do hospital. Depois, 500 metros de subida a pé.

A Igreja de São Leopoldo era a minha obsessão desde que tinha chegado a Viena. Faltavam vários dias para sábado e visitei todos os edifícios de Otto Wagner: estações de metro, prédios de apartamentos, pavilhões, bancos. Tinha um mapa com os edifícios modernistas, e era esse o meu único itinerário. Antes de chegar, já os conhecia de cor e por isso observei-os como quem regressa, não como quem chega pela primeira vez. Em 1992, um livro, *Fin-de-Siècle Vienna*, de Carl E. Schorske, tinha feito de mim uma espécie de falsa especialista, que simulava um conhecimento bastante bom sobre a cidade das primeiras décadas do século xx. Todas as manhãs ia à Michaelerplatz. Como se visitasse Adolf Loos ainda vivo, entrava na Casa Loos, que causou escândalo em 1911, quando estava a

ser construída, e onde hoje funciona um banco. Sentava-me numa pequena poltrona e fingia ser uma cliente à espera da sua vez enquanto lia o jornal ou escrevia num caderno. Anos depois, repeti a visita ao banco com dois amigos, os mesmos com quem entrei na Caixa de Aforro Postal, imponente e magnífica, de Otto Wagner.

Eu fingia uma familiaridade tão convincente, que a dona da pensão onde eu estava me perguntou se todos os argentinos conheciam Viena com aquele pormenor. O caso pode registar-se como devoção extrema ou, se se preferir, doença cosmopolita.

Contudo, ao fim de quatro ou cinco dias, a minha primeira viagem ainda não estava completa, porque me faltava São Leopoldo, a igreja em Steinhof. Tinha escrito, numa ficha de cartão, o início de um ensaio de Cacciari:

Dois caminhos simétricos, nas encostas da floresta vienense, dão acesso à Igreja de São Leopoldo. A igreja de Wagner, coroando o complexo do hospital para doentes mentais da cidade de Viena, emerge do bosque cerrado com a sua resplandecente cúpula de cobre dourado. Ninguém saberia dizer o que esta obra antecipa, tal como seria difícil afirmar o que ela expressa.¹

Ou seja, naquela tarde de sábado, seguindo Cacciari, fiquei absorpta diante de uma obra que pedia justamente que não a interpretassem. Disposta a levar essa experiência até onde fosse possível, quase não ouvi o guia que descreveu a igreja e, sobretudo, os vitrais de Kolo Moser. Não me tentei defender do impacto mas antes obedecer-lhe: obedecer à força simétrica da arquitectura, à geometria do estilo de Wagner. Observei com

a atenção de quem sabe que está a construir a sua recordação de São Leopoldo para sempre. Hoje constato, desiludida, que essa recordação são as fotografias e não aquelas primeiras imagens, demasiado fortes, da geometria severa de Wagner, que recusa a proximidade cortês da *art déco*. O mármore branco sustentado por pregos de cobre e, sobre essas paredes de distância perfeita, a cúpula dourada.

Quando a visita terminou, informaram-nos de que, dentro de poucos minutos, a igreja ia fechar, até ao sábado seguinte, quando eu já não estaria em Viena. Um acontecimento único na minha vida cumpria-se para sempre: terminava. Fiquei lá fora, a caminhar em redor da igreja, de cabeça levantada para não perder a cúpula, que se cobria lentamente com uma película que anunciava o pôr-do-sol. Não me dei conta de que estava sozinha à frente de São Leopoldo. Anoitecia. Comecei a descer em direcção à saída. A tarde estava como que suspensa, sem vento, sem sons.

Subitamente, ouvi passos, ao mesmo ritmo que os meus. Solas de madeira sobre o pavimento. Acompanhavam-me e não me virei. Estávamos a meio caminho entre a igreja e a rua. Não me apressei e quem me seguia também não. Íamos assim, separados por dois ou três metros, quando senti uma mão segurar-me o ombro, vinda de trás. Continuámos a caminhar. Nesse momento, recordei que São Leopoldo é a igreja de um hospital psiquiátrico. Quando me virei, vi um homem de bata azul, quase até aos pés, e lenço na cabeça. Quando me voltei, a mão dele abandonou o meu ombro. Não nos cumprimentámos. O homem seguiu por um caminho lateral. Electrizada por aquele contacto, quase corri para as grades e saí para a rua.

Voltei a São Leopoldo dez anos depois, com os tais dois amigos que me acompanharam à Casa Loos, na Michaelerplatz. Tirámos uma fotografia apoiados nos mármore brancos. Enquanto subíamos para São Leopoldo, contei-lhes aquela história intensa e para sempre enigmática.

Viajamos à procura dessas experiências intensas, qualquer coisa que surge de modo inesperado e original, fora do plano e, portanto, impossível de ser integrado numa série. É uma história que ainda hoje não compreendo, porque, à semelhança da Igreja de São Leopoldo, talvez não tenha interpretação possível nem expresse nada. Tem que ver não com o discurso, mas com o corpo. É inesperada e, contudo, eu tinha-me preparado toda a tarde para um acontecimento que não sabia que podia suceder. Estava disponível, não tanto para as grinaldas geométricas de Otto Wagner e a pormenorizada disciplina do interior de São Leopoldo (coisas que conhecia, que vira em dezenas de fotografias), mas para essa outra brevíssima viagem, 200 ou 300 metros com o som das solas de madeira próximas de mim, com aquela mão forte sobre o meu ombro. Não foi uma aventura, mas antes um acontecimento ou, melhor dizendo, dois acontecimentos de intensidade semelhante embora de natureza muito diferente. Cheguei a Viena para fazer uma espécie de *performance* do que sabia acerca da cidade. Fingia que reconhecia tudo, que tudo me era familiar porque já o tinha visto nos livros.

Mas uma coisa mudou repentinamente o plano. O que alterou o caminho entre a Igreja de São Leopoldo e a saída do hospital foi o imprevisto daquele doente que decidi seguir-me. Nunca saberei porquê. Talvez ele também não o soubesse: ao entardecer, a minha abstracção ensimesmada,

a loucura dele, o acaso que desenha os acontecimentos mais inesquecíveis.

As viagens deste livro são mudanças imprevistas de planos. Percorri com uma obsessão exaustiva as obras de Adolf Loos e de Otto Wagner, com o meu folheto do posto de turismo vienense, «*Architektur, von fin de siècle bis heute*». Cheguei à Igreja de São Leopoldo depois desse caminho pelo centro e pelos bairros da cidade; digamos que «ascendi» até ela, pondo a coisa do modo como a senti naquela tarde.

Outra mudança imprevista de planos foi a projecção nocturna, na Viennale², do filme *Deux fois cinquante ans de cinéma français*, de Godard. Regressei ao meu quarto com a ideia de que talvez o esquecesse, justamente por ele me ter impressionado tanto. Escrevi uma carta longa, que se perdeu. Escrevi porque não tinha outro modo de sair daquele filme sem temer que as suas imagens, uma trama indestrinçável de encontros, me fugissem. Estávamos em 1995, e não existiam tantos dispositivos externos de memória ou de esquecimento. Recordo-me que fumava (ainda se podia fumar em todo o lado) e vacilava na tentativa, impossível, como eu já sabia, de contar linearmente um filme de Godard.

As melhores viagens incluem as mudanças imprevistas de planos. Cacciari escreveu acerca de São Leopoldo que «talvez só a compreendamos quando saímos da igreja e lhe viramos costas». É provável que durante muitos anos eu acreditasse que tinha entendido aquela viagem a Viena. Hoje, creio que o ponto fundamental, o vértice que organizou aqueles dias loucos e estáticos, foi a experiência com o louco do hospital de São Leopoldo. Nela se resumem os acontecimentos que, desde muito jovem, em todas as viagens, me tinham apanhado de

surpresa, de maneira quase sempre imposta e, às vezes, violenta. A mudança imprevista de planos, intuí-o desde os 20 anos, é a verdadeira essência da viagem: um choque que desorganiza o previsível, estraga os cálculos e, de repente, abre uma fenda por onde assoma o inesperado e até o que nunca chegará a compreender-se de todo. Desordem e golpe de sorte.

Mas a mudança imprevista de planos deve ser respeitada nas suas regras. Nunca a devemos procurar, porque se transforma no mais vulgar dos exotismos. Deixar, simplesmente, que aconteça. E, depois, capturá-la e ser capturado, numa dupla hélice envolvente. Naquela vez, na Igreja de São Leopoldo, distraí-me, não me dei conta de que anoitecia, de que era Outono, de que já não se via a cidade ao longe. Sob o impacto da igreja de Otto Wagner, esqueci-me.

Não é preciso ir a Viena para se ser arrastado por uma mudança imprevista de planos. Às vezes, o acaso põe-nos ao lado de quem não procurávamos nem pensávamos encontrar: Susan Sontag no Cinema Metro, em Nova Iorque, a ver, como eu, a projecção de *Berlin Alexanderplatz*, de Fassbinder. Não me ocorreu nada para lhe dizer. A mudança imprevista de planos era só aquilo: que coincidíssemos na obscuridade da sala, durante cinco horas. Uma prova de que as experiências inesquecíveis são constituídas por matérias perfeitamente casuais, mas dispostas de um modo que as torna significativas, embora esse significado nem sempre se possa explicar. Que queria dizer Sontag e eu estarmos ali? Nada. E, contudo, a experiência nua ficou como o inesperado, o acaso incausado, o choque do que não se procura.

Naquele ano de 1985, eu tinha chegado pela primeira vez a Nova Iorque. Viveria lá alguns meses, a primeira vez tanto tem-

po afastada de Buenos Aires, fora da América do Sul, numa cidade mítica que desconhecia inteiramente. Sentada na sala de estar do apartamento de Jean Franco, que me tinha convidado para a Universidade de Columbia, comportei-me como uma perfeita argentina na primeira tarde: auto-suficiente e, conseqüentemente, não cosmopolita. Ignorava tudo, mas pensava que podia aprender tudo em cinco minutos. Jean Franco só me deu uma instrução: que usasse a cidade a toda a hora, sempre. Essa instrução foi o presente que me deu de Manhattan. Era, precisamente, uma instrução sem planos: não incluía nenhuma proibição nem nenhuma cautela. Saí da casa de Jean Franco com uma frase na cabeça. A frase que uma personagem de Balzac pronuncia quando olha para Paris: «*À nous deux maintenant.*» Agora, nós dois, frente a frente.

Saí de Nova Iorque, meses depois, conhecendo qualquer coisa de Manhattan. Quase todas as tardes segui os percursos de um guia da Michelin: virei nas esquinas indicadas, segui para sul e para norte, descí a todas as estações de metro, estudei as carreiras dos autocarros. Deixei de lado a Midtown e fui ora para norte, ora para baixo. Entrei em dezenas de bares. Comprei dezenas de bilhetes para os teatros do Eastside e paguei para ver dezenas de *covers* nos clubes de *jazz*. Parava ao balcão e começava a conversar com quem estivesse ao lado. Durante muitas semanas estive completamente sozinha e isso ajudou. O viajante solitário não tem outro remédio senão estar sempre em movimento, porque, se se detém, assalta-o a solidão do estrangeiro, o desejo fugaz mas insistente de estar num lugar mais familiar. A pulsão de regressar a um espaço próprio.

O meu espaço estava primeiro nos mapas do guia da Michelin. Conhecer aqueles mapas deixava-me disponível para

Nova Iorque. Com aqueles mapas, podia evitar uma mudança imprevista de planos. Só quando conheci bem a cidade é que pude começar a perder-me (como já o observou Walter Benjamin, algures) e a desviar-me, a pôr o meu corpo no lugar onde podia acontecer o que eu não esperava.

Certa noite, dei-me conta de que Art Blakey, baterista que já tinha entrado na grande história do *jazz*, estava ao meu lado no balcão do Bradley's, no número 70 de University Place, na Village. Dez anos antes, quando não havia internet e era difícil saber o que é que se encontraria na cidade de destino, no voo para Nova Iorque, por acaso (nenhuma companhia aérea a oferece aos passageiros da classe turística), consegui ler a *New Yorker* dessa semana e consultei a página de espectáculos musicais. O meu acompanhante decidiu: «Já sei onde vamos amanhã à noite.»³ Art Blakey tocava no Sweet Basil. Nessa noite, enquanto eu fazia fila na neve, enquanto a neve me caía sobre o impermeável, ouvi um tipo dizer: «Blakey, Blakey, só faço isto por ti.» Eu, estrangeira, não tinha tantas pretensões e tê-lo-ia feito por outras pessoas. Finalmente, conseguimos entrar no clube nocturno.

Agora, já não é preciso suspense. Blakey morreu, mas quem viaja até Nova Iorque sabe quem toca em qualquer lado, basta ir à internet. Antes da internet, eu chegava a uma cidade e corria para um quiosque para comprar o *Voice* ou o *City Paper* de onde estivesse. Parada a uma esquina, folheava como uma possessa as páginas de espectáculos; invariavelmente desiludida, dava-me conta de que tinha chegado um dia depois e que o melhor acontecera na noite anterior; mas também descobria que me esperava qualquer coisa nessa mesma noite. Procurava uma cabine telefónica para fazer a reserva, deparava com

um atendedor automático e deixava mensagem, ficava inquieta. Esperava até à noite e chegava ao clube nocturno com a curta informação da página de entretenimento (com sorte, um comentário ou um destaque da semana). Não suspeitava que, uma década depois, toda essa excitação se dissolveria na internet; as revistas que antes se compravam e depois se passaram a conseguir gratuitamente agora estão no ecrã do meu computador, e posso planear um itinerário como se tivesse contratado um pacote turístico numa agência especializada em *freaks*, fãs, melómanos e excêntricos. Não sinto saudades dessas décadas em que o acaso traçava as inesperadas linhas de uma relação de suspense com as cidades estrangeiras, a que eu chegava como a uma festa surpresa. Hoje, o mapa e a cidade real aproximam-se. Agora espero precisamente que, algures, aconteça uma deslocação, uma mudança imprevista de planos.

Foi isso que aconteceu naquela noite em que Blakey estava ao meu lado no balcão do Bradley's, um bar onde geralmente só havia piano e baixo, por vezes uma bateria. Mas naquela noite estreava um trompetista muito jovem. Depois de o trompete expulsar os primeiros compassos, Blakey, sem disfarçar, pediu a conta, pagou e foi-se embora. Não gostou. Pensei muitas vezes naquela noite e teci, com quem estivesse ao meu lado, hipóteses sobre o que aconteceu. Imaginámos que tinham dito a Blakey que naquele dia tocava um tipo novo que podia interessar à sua banda, The Messengers. Imaginámos que Blakey fora lá ver se descobria alguém ainda anónimo. E que lhe pareceu que não valia a pena ficar nem mais um minuto para ouvir aquele rapaz branco. Nunca mais esqueci o gesto depreciativo nem o tom alto de voz com que Blakey pediu a conta. Ele não quis que o seu gesto passasse despercebido.

- 83 Lisa Watson, diretora do *Penguin News*, tinha 11 anos quando o exército argentino invadiu as ilhas. A família, como muitas outras que puderam fazê-lo, saíram de Stanley e foram viver para o *camp*, numa quinta de ovelhas. A essa quinta, chegaram, numa manhã bem cedo, dois soldados que faziam parte do batalhão que ocupava Long Island Mountain. Traduzo uma parte do relato dela:
- «— Sr. Watson, precisamos de falar consigo — disse um deles.
— Aproximem-se da casa. Os cães não mordem — tranquilizou. Depois, sorrindo, acrescentou: — Só mordem quando lhes dou ordem. Os soldados passaram a cerca com cautela, olhando nervosos para os cães e seguraram o meu pai até ao jardim.
— Deixem as espingardas lá fora — ordenou-lhes a minha avó. — Há crianças aqui.
[...]
O meu primo Niki, de grande coração, sorriu-lhes. — Estejam à vontade. Digam o que querem.
— Chamo-me Pedro Miguel Espinosa. Lamentamos estar aqui.
— Aqui na nossa casa? — perguntou o Niki.
— Não, aqui nas ilhas. Temos frio. Não gostamos.
O meu pai olhou para eles muito sério:
— São soldados; têm de ser fortes.
— Não, não — respondeu Pedro. — Eu sou dentista e o meu amigo, padre; não somos soldados a sério. Não somos fortes, temos frio e fome.
— Recrutadas?
— Sim. Fizemos um ano de serviço militar e, um dia, chamaram-nos e mandaram-nos para aqui. Não sabíamos que íamos sair da Argentina. Não sabíamos que vínhamos para as Malvinas.
— Falkland — corrigiu a minha mãe.
Pedro balançou a cabeça pedindo desculpa:
— Sim, Falkland, Falkland.
A expressão do meu pai suavizou-se um pouco; os soldados não pareciam mais velhos do que o meu irmão Paul.
— De que precisam?
Pedro sorriu.

- Queremos talvez lavar-nos e também ouvir rádio, não sabemos o que se passa. E também queremos autorização para matar uns patos.
— Os patos da nossa lagoa? Claro, são selvagens, nós também os comemos. Podem caçá-los se tiverem muita fome.
Pedro olhou para o amigo e ambos sorriram.
— Sr. Watson, não somos muito bons com as espingardas. Talvez o senhor pudesse caçá-los por nós.»
(Lisa Watson, *Waking Up to War*, 2010, s. l., s.n., pp. 19-20.)
- 84 Alberto Sato guardou as fotografias. Exilou-se na Venezuela em 1975. Com o tempo contado e numa despedida arriscada, disse-me: «Levo os *slides* das viagens, porque vou ganhar a vida com eles.» Sato era arquitecto e tornou-se professor de História da Arquitectura Latino-Americana e, ainda há pouco tempo, recordava que umas fotos onde eu apareço no Ministério da Educação do Rio de Janeiro faziam parte do conjunto que mostrava nas aulas. Este livro deve muito à sua sensibilidade e constância.
- 85 Michael Taussig, *Fieldwork Notebooks*, Kassel, Dokumenta, 2012, p. 8.
- 86 A bibliografia é imensa. Pode ler-se um compêndio das posições críticas em: James Clifford, *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge (Mass.)-Londres, Harvard University Press, 1997.

NOTA BIOGRÁFICA

Beatriz Sarlo nasceu em Buenos Aires em 1942. Foi professora de Literatura na Universidade de Buenos Aires, e professora convidada em várias universidades norte-americanas e europeias: Berkeley, Columbia, Minnesota, Chicago, Cambridge, Berlim. Em 1978, fundou (e dirigiu até 2008) a prestigiada revista cultural *Punto de Vista*, uma das mais activas vozes dissidentes do regime militar argentino que terminou em 1983. Entre ficção, crónica e ensaio, escreveu cerca de vinte livros, sendo o mais recente *Da Amazónia às Malvinas*, originalmente publicado em 2014. A sua obra está traduzida em Inglaterra, nos Estados Unidos, no Brasil e em Itália. Em 2009, foi condecorada no Brasil com a Ordem de Mérito Cultural.



da
amazónia
às malvinas

*foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na Eigal,
Indústria Gráfica, sobre papel Coral Book
de 80 gramas, no mês de Abril de 2017.*

NESTA COLECÇÃO

Morte na Pérsia <i>Annemarie Schwarzenbach</i> (trad. Isabel Castro Silva)	Cartas do Meu Magrebe <i>Ernesto de Sousa</i>	Mi Buenos Aires Querido <i>Ernesto Schobo</i> (trad. Carlos Vaz Marques)
Uma Ideia da Índia <i>Alberto Moravia</i> (trad. Margarida Periquito)	Viagem de Autocarro <i>Josep Pla</i> (trad. Carlos Vaz Marques)	Histórias de Roma <i>Enric González</i> (trad. Rita Almeida Simões)
Paris <i>Julien Green</i> (trad. Carlos Vaz Marques)	O Colosso de Maroussi <i>Henry Miller</i> (trad. Raquel Mouta)	A Estrada para Oxiana <i>Robert Byron</i> (trad. Raquel Mouta)
O Japão É Um Lugar Estranho <i>Peter Carey</i> (trad. Carlos Vaz Marques)	O Murmúrio do Mundo <i>Almeida Faria</i>	Dália Azul, Ouro Negro <i>Daniel Metcalfe</i> (trad. Susana Sousa e Silva)
Veneza <i>Jan Morris</i> (trad. Raquel Mouta)	Viagem a Tralalá <i>Wladimir Kaminer</i> (trad. Helena Araújo)	Era Uma Vez em Goa <i>Paulo Varela Gomes</i>
Caderno Afegão <i>Alexandra Lucas Coelbo</i>	Histórias de Londres <i>Enric González</i> (trad. Carlos Vaz Marques)	Viagem à Volta do Meu Quarto <i>Xavier de Maistre</i> (trad. Carlos Sousa Almeida)
Disse-me Um Adivinho <i>Tiziano Terzani</i> (trad. Margarida Periquito)	Os Primos da América <i>Ferreira Fernandes</i>	Terra Nullius <i>Sven Lindqvist</i> (trad. Luís Mexêdo)
Nova Iorque <i>Brendan Behan</i> (trad. Rita Graña)	Cadernos Italianos <i>Eduardo Pitta</i>	Histórias de Nova Iorque <i>Enric González</i> (trad. Raquel Mouta)
Histórias Etiopes <i>Manuel João Ramos</i>	Um Gentleman na Ásia <i>Somerset Maugham</i> (trad. Raquel Mouta)	Cartas Persas <i>Montesquieu</i> (trad. Isabel St. Aubyn)
Na Síria <i>Agatha Christie</i> (trad. Margarida Periquito)	Mais Um dia de Vida — Angola 1975 <i>Ryszard Kapuściński</i> (trad. Ana Saldanha)	Sibéria <i>Olivier Rolin</i> (trad. Isabel St. Aubyn)
A Viagem dos Inocentes <i>Mark Twain</i> (trad. Margarida Vale de Gato)	Vai Brasil <i>Alexandra Lucas Coelbo</i>	Espanha <i>Jan Morris</i> (trad. Raquel Mouta)
Viva México <i>Alexandra Lucas Coelbo</i>	Dicionário de Lugares Imaginários <i>Alberto Manguel e Gianni Guadalupi</i> (trad. Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos)	Crepúsculo em Itália <i>D.H. Lawrence</i> (trad. Paulo Faria)
Jerusalém — Ida e Volta <i>Saul Bellow</i> (trad. Raquel Mouta)	Hav <i>Jan Morris</i> (trad. Raquel Mouta e Vasco Gato)	Carnaval no Fogo <i>Ruy Castro</i>
Caminhar no Gelo <i>Werner Herzog</i> (trad. Isabel Castro Silva)		